

# \\ Entrevista



Pró-reitora de extensão Marlova Benedetti (IFRS)



Pró-reitora de extensão Gisela Duarte (IFSul)



Pró-reitora de extensão Raquel Lunardi (IFFar)

**“Desafios e perspectivas para a extensão nos IFs”**

# O ano que colocou a extensão no foco da Rede Federal

## Entrevista

Carine Simas

## Edição

Rossana Zott Enninger

O ano de 2019 colocou a Extensão em foco na Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica.

O contingenciamento no orçamento e a ameaça de não ter recursos financeiros para concluir o ano letivo fizeram com que as instituições de ensino federais se tornassem pauta frequente na mídia e, conseqüentemente, nas conversas da comunidade, principalmente naquelas desenroladas pelas redes sociais. Essas interações refletiram em como ainda há desconhecimento da sociedade sobre o tanto que os IFs fazem dentro e fora de suas unidades. A extensão pode

contribuir para mudar esse quadro? O que ficou desse ano tão desafiador? E o que esperar de 2020?

Para refletir sobre questões como essas, a Revista ViverIFRS traz nesta edição uma entrevista “perguntas e respostas” tripla, com as pró-reitoras de Extensão dos Institutos Federais (IFs) situados no Rio Grande do Sul: Marlova Benedetti, do IF do Rio Grande do Sul (IFRS); Gisela Loureiro Duarte, do IF Sul-rio-grandense (IFSul); e Raquel Lunardi, do IF Farroupilha (IFFar). Elas apontam pontos polêmicos e importantes.

**Confira!**



**Revista ViverIFRS** - O entendimento do que é extensão e, mais especificamente, o que é extensão na Rede Federal não é totalmente claro para a comunidade, tanto acadêmica quanto externa. O que é extensão nos IFs?

**Raquel Lunardi (IFFar)** - Extensão é o sentido de ser dos Institutos Federais (IFs), muda a vida dos estudantes, em sua formação; muda a vida das pessoas que estão envolvidas nessas ações; geralmente qualifica e melhora as condições de vida das pessoas das comunidades. Os Institutos foram criados para isso. Uma das principais diferenças entre as políticas das Universidades e dos Institutos Federais é essa preocupação e esse investimento muito maior na extensão.

**Marlova Benedetti (IFRS)** - Nós temos os conceitos teóricos. Na Política de Extensão do IFRS - e a gente segue a Política do Fórum de Pró-Reitores de Extensão - trazemos uma conceituação\*, mas isso nem sempre nos dá a dimensão real do que é extensão. Para mim, a extensão é tudo aquilo que traz a relação do Instituto, dos seus campi, com a sua comunidade externa. É uma via de mão dupla. É a questão de os estudantes e os servidores saírem dos muros das instituições e, da mesma forma, a comunidade adentrar nos muros do IFRS. \* **Política de Extensão do IFRS**, Capítulo I, Art. 2º A “Extensão” é definida como um processo educativo, cultural, social, científico e tecnológico que promove a interação entre as instituições, os segmentos sociais e o mundo do trabalho, com ênfase na produção, desenvolvimento e difusão de conhecimentos científicos e tecnológicos, visando ao desenvolvimento socioeconômico, ambiental e cultural sustentável, local e regional.

**Gisela Duarte (IFSul)** - Eu vejo a extensão como um momento em que o instituto pergunta para a comunidade: “Em que nós podemos contribuir?” “O que podemos construir juntos para melhorar a qualidade de vida?”. Porque na lei de criação dos institutos um dos grandes objetivos é atender demandas locais e regionais, para além do que nós oferecemos pelo ensino. A extensão é toda a construção de conhecimento que foi feita pelo ensino, dentro da instituição, e nesse momento se transforma na ferramenta que vai atender à comunidade. A extensão acontece nos *campi*, melhorando a qualidade de vida, mudando o comportamento, trazendo empoderamento, aumento de escolaridade, qualificação profissional. E isso, direta ou indiretamente, vai promover o desenvolvimento local e regional. Para mim, essa é a grande função da extensão. Aliada à formação profissional e acadêmica, porque quem faz extensão é o aluno e o seu itinerário formativo é enriquecido.

**Marlova** - Sempre se baseando na interação dialógica, para não haver imposição. Pode ter um servidor que quer trabalhar nesse ponto, mas será que é isso que a comunidade está demandando? Não é só falar, mas também ouvir.

## Revista ViverIFRS - O que vem sendo realizado para difundir esse conceito de extensão?

**Gisela Duarte (IFSul)** - No IFSul, nós temos um evento que é o “Conversando sobre Extensão”, quando vamos em todos os *campi* mostrar o que é, para que serve, como fazer extensão. Para a comunidade externa falta nós divulgarmos um pouco mais o que a gente realiza nos institutos. No momento em que nós tivemos os cortes orçamentários e precisamos sensibilizar a comunidade, aproveitamos muito isso. Em uma das audiências públicas em uma Câmara de Vereadores, um vereador perguntou: “Para além do cancelamento das aulas (porque estávamos na iminência de fechar as portas) e da suspensão do processo seletivo, se os cortes continuassem, o que mais o Instituto estaria deixando de oferecer para a comunidade?”. Aquela pergunta caiu como uma luva, porque aí eu pude dizer: nós temos tantos projetos de extensão, tantos eventos, tantos cursos que vão deixar de ser feitos. Se podemos achar algo positivo nesses cortes, eu diria que foi bom para a divulgação e a visibilidade da extensão, a gente pôde trabalhar e muito a importância da extensão na nossa comunidade. Fizemos um evento “IFSul mostra a tua cara”, no mesmo dia, em todos os nossos *campi* e na Reitoria, quando chamamos a comunidade para que pudesse ver o que a gente faz.

**Marlova Benedetti (IFRS)** - Discutimos bastante sobre como sensibilizar e explicar um pouco melhor o que é extensão exatamente. No IFRS, temos alguns eventos específicos, mas em 2019 não conseguimos realizar todos. Temos o Encontro de Pesquisadores e Extensionistas, aberto para quem já desenvolveu ações e para quem pretende desenvolver. Temos o Salão de Pesquisa, Extensão e Ensino, nosso evento maior. Além disso, tem a Mostra Cultural, que também se refere a ações de extensão, dá uma boa visibilidade e mostra o que é feito em cultura no IFRS. A Comunicação nos auxilia bastante com algumas ações específicas: cito o IFRS 360º, minidocumentários que apresentam projetos de ensino, pesquisa ou extensão.

**Raquel Lunardi (IFFar)** - No IFFar não é muito diferente. Como a maioria dos nossos *campi* são agrícolas, além dos eventos internos para divulgação do ensino, da pesquisa e da extensão, temos os Dias de Campo, quando a comunidade consegue se inserir e já conhece a instituição. Temos o Dia do *Campus* também, quando os *campi* abrem suas portas para a comunidade. Mas ainda é muito pouco diante de tudo aquilo que a gente faz, porque a gente brinca: o extensionista sabe fazer, mas não sabe divulgar, relatar e registrar o que faz. E isso se torna ruim quando, em um momento de contingenciamento, temos de ficar justificando nossas ações para a comunidade.

## Revista ViverIFRS - Unir forças entre os IFs pode ajudar para que a comunidade nos perceba mais?

**Raquel Lunardi (IFFar)** - Sim. A rede é muito nova. Se eu disser que sou do Instituto Federal Farroupilha lá no município de Alegrete, talvez nem todos conheçam. Agora se eu disser “eu sou da Escola Agrotécnica de Alegrete”, todo mundo conhece a escola, que foi o que gerou o Instituto, porque tem uma história. É natural que a comunidade não nos conheça tanto quanto a gente gostaria, pois somos jovens enquanto instituição. Mas acho que estamos no caminho certo: precisamos centrar esforços em algumas ações para que daqui a dez anos, quando comemorarmos 20 anos de Rede, isso seja um ponto de pauta vencido.

**Gisela Duarte (IFSul)** - Eu acho que dez anos já seria o suficiente para termos consolidado o nosso nome. As escolas técnicas tinham a prática mais frequente de visitar as empresas. Depois entramos em uma fase em que a questão empresarial e de atendimento ao público privado ficou um pouco condenada. Sim, temos o papel social, mas os nossos alunos vão para o mundo do trabalho. E o mundo do trabalho, muitas vezes, significa sim ele ter a sua emancipação financeira, profissional e tudo mais. Ele pode ter isso indo para uma empresa privada. Mas a gente se distanciou muito dessas empresas. Em 2019, chegamos a uma empresa e um rapaz disse que foi aluno de outra escola de Pelotas: “a escola técnica”. Nós informamos que agora essa escola é o IFSul. As empresas deixaram de nos conhecer, porque essas visitas gerenciais começaram a não ser prioridade. Temos de entender que no nosso papel de extensão vamos sim atender as minorias, mas não podemos deixar de lado também o nosso aluno que vai precisar ingressar no mundo do trabalho. Isso é muito importante e ajuda a divulgar o IFRS. Em uma visita gerencial que fizemos em 2019 conseguimos 30 vagas de estágios, em uma região onde o pessoal dizia que estava difícil, que talvez fosse tirar o estágio do PPC.

**Marlova Benedetti (IFRS)** - Além disso, se formos partir também para o lado social da extensão, muitas empresas fazem trabalhos sociais e podemos nos associar a elas.

**Revista ViverIFRS** - Então podemos dizer que se aproximar das empresas ou do mundo do trabalho e ter um fortalecimento como rede no Rio Grande do Sul são tendências para a extensão nos próximos meses?

**Gisela Duarte (IFSul)** - Sim. Outra tendência é a curricularização da extensão, quando o processo formativo do aluno é valorizado pela extensão. A extensão vai fazer parte do currículo porque vai fazer parte de toda a construção de conhecimento que ele vai ter. Fazendo extensão ele terá a sua formação acadêmica enriquecida.

**Raquel Lunardi (IFFar)** - A discussão da curricularização da extensão não é recente, como uma demanda para o fortalecimento do ensino. Compreender a extensão e a pesquisa como instrumentos para a qualificação do ensino, até chegar ao ponto de isso ser orgânico. Essa é a ideia e por isso da curricularização: inserir tudo isso dentro dos currículos para que esse aprendizado se torne orgânico e o estudante não precise mais pensar: agora vou fazer ensino, agora vou fazer pesquisa, agora vou fazer extensão. E a gente realmente possa colocar em prática a indissociabilidade que está em vários artigos da nossa lei de criação e na boca de muitos educadores por aí, mas que a gente não consegue fazer, pois ainda vivemos um sistema educacional muito tradicional. Quando a gente leva a extensão, automaticamente leva processos de pesquisa, cultura, esporte, cidadania, sustentabilidade, todas as dimensões da extensão para dentro do currículo, e aí vem contemplar a formação ampla e integral que a gente tanto prega.

**Revista ViverIFRS** - E como está, nos IFs situados no Rio Grande do Sul, a curricularização da extensão, que agora é uma questão legal (conforme a Resolução da Câmara de Educação Superior do MEC nº 07/2018)?

**Raquel Lunardi (IFFar)** - A partir de 2021 todos os projetos de cursos das instituições precisam estar adequados à curricularização da extensão. Dos IFs, a gente (IFFar) está um pouco à frente do processo, mas ainda testando metodologias, procedimentos. Ainda não estamos com um modelo fechado. Começamos em 2019 um projeto-piloto de curricularização. Temos todo o ano de 2020 com as mudanças nos PPCs. Temos de definir a metodologia e a forma de fazer a curricularização. E isso é uma das ações que faremos em conjunto (nos três IFs do Rio Grande do Sul). Vamos propor aos nossos reitores uma capacitação de curricularização para o início de 2020, para que a gente consiga caminhar bem próximos.

**Gisela Duarte (IFSul)** - No IFSul fizemos reuniões e estamos nos capacitando, conhecendo modelos de outros IFs. A gente acredita que a curricularização tem de ser feita e imagino que já estaríamos fazendo independentemente da resolução. A resolução saiu em 2018. No IFSul, nós já tínhamos colocado a curricularização na plataforma de gestão em 2017. O assunto já vinha sendo discutido há muito tempo. A legislação acelerou o processo, mas o mais importante é fazer por convicção.

**Raquel** - A professora Carla (Jardim) assumiu o primeiro mandato como reitora no IFFar em 2012 e dizia que tinha um sonho: fazer realmente um currículo integrado. Agora ela coloca na curricularização essa expectativa. Será um processo difícil, terá brigas internas, por disputa de carga horária, porque terão de abrir mão de carga horária para uma ação de extensão. Iremos romper barreiras. Mas quando realizarmos teremos uma ruptura significativa no sistema de ensino.



**Marlova Benedetti (IFRS)** - Em todas as nossas conversas isso tem sido pautado, tanto nas reuniões regionais quanto nas nacionais. Interessante é que nós três temos a visão de que não é apenas a curricularização, é a inserção da extensão nos currículos. A questão é não ser uma mera creditação da extensão, como ocorre em algumas instituições, em que basta o estudante fazer um cursinho e creditar como ação de extensão. Tanto estudantes quanto servidores precisam passar por um processo de formação e precisam ser agentes, ser atuantes na extensão. Seria muito mais fácil definir que os estudantes precisam apresentar certificados de tantas horas, mas isso não é o que faremos.

**Revista ViverIFRS** - Em 2019, com os contingenciamentos orçamentários, percebeu-se que alguns setores da sociedade não defenderam as instituições de ensino federais e então, internamente, falou-se muito em fortalecer a extensão para que as pessoas percebam tudo o que se faz de importante nos IFs. Algo mudou no planejamento e na prática extensionista desde esse episódio?



**Marlova Benedetti (IFRS)** - Pode ser um pouco polêmico o que vou falar, e acho que isso não acontece só nos Institutos. Por muito tempo, a extensão foi vista como a “prima pobre”: se eu não tive um projeto de pesquisa aprovado, vou mudar um pouco e submeter na extensão. Isso porque o que dá visibilidade é o Currículo Lattes, é o número de projetos CNPq e Fapergs aprovados. Na extensão as coisas funcionam um pouco diferente. Acho que houve um amadurecimento, uma evolução da extensão e isso está um pouco mais forte também depois dos cortes orçamentários porque a comunidade interna verificou que a comunidade externa precisa conhecer o que é feito nas instituições. E com isso a valorização da extensão tem acontecido e sido percebida por todos os níveis de gestão, pelos servidores e pelos estudantes. Os estudantes se mostram orgulhosos por sua participação nas ações e por apresentar isso para a comunidade.



**Raquel Lunardi (IFFar)** - Muitas ações foram reformuladas e muitas deixaram de ser executadas por falta de recurso financeiro. Mas o impacto maior não foi esse: foi as pessoas perceberem que a extensão existe dentro da instituição e é importante, para a instituição e para a região onde está localizada. Temos feito um trabalho no IFFar que é de divulgar um pouco mais a instituição indo em todos os *campi*. Temos o “Proex no *campus*”, que permite falar um pouco da extensão, dos resultados institucionais da Extensão, dos espaços em que atuamos. Oferecemos também a formação em extensão e até vamos ofertar turmas para o IFRS e para o IFSul. Vimos a dificuldade de compreensão do conceito e do entendimento das pessoas sobre para quem é a extensão e o que pode nos trazer de retorno. No IFFar uma coisa positiva (no contexto dos cortes orçamentários) foi que os *campi* não se abalaram: tiraram recursos de outras áreas e mantiveram as ações de extensão aprovadas.

**Marlova Benedetti (IFRS)** - Aqui tivemos uma decisão do Colégio de Dirigentes para manter tudo o que estivesse relacionado ao estudante: assistência estudantil, bolsas de ensino, pesquisa e extensão; e ao final do ano conseguimos dar o auxílio tanto para a pesquisa quanto para a extensão. Optamos por manter as bolsas. Se cortou capacitação, visitas técnicas, eventos, diárias.

**Gisela Duarte (IFSul)** - Nosso maior edital, que é de fomento, conseguimos contemplar como um todo. Mas depois todos os outros editais não podemos contemplar. Quando chegou ao final do ano e o recurso foi liberado, como íamos lançar os editais? Então vimos outras alternativas para usar esses valores, de verba específica para extensão, para atender ações rápidas, momentâneas.

**Revista ViverIFRS - Por que faltava visibilidade para a extensão, inclusive da comunidade interna? Que fatores justificam?**

**Raquel Lunardi (IFFar)** - Temos uma diferença entre a pesquisa e a extensão. Nós, servidores, viemos de uma educação na qual a pesquisa está sempre nos processos educativos, em nossa formação. E quantos de nós fizemos extensão no curso de graduação? A gente não teve isso para conhecer e saber da importância. Está tendo agora. Isso é um reflexo natural do processo. Eu brinco que é muito mais difícil ser extensionista do que pesquisador, porque tem que ir na comunidade, dialogar, e a pesquisa pode ser feita em casa, no laboratório. Não são graus de dificuldade, mas em como desenvolver isso. A gente sabe que, para o docente, faz uma grande diferença. Mas de dez anos para cá o envolvimento é muito maior. Acho que é um processo e daqui a pouco teremos ultrapassado.

**Marlova Benedetti (IFRS)** - Essa questão reflete o que falamos na primeira pergunta: as pessoas nem sempre sabem o que é extensão, às vezes fazem extensão e não sabem que estão fazendo. Tem a questão de nunca ter participado realmente e talvez um pouco de desconhecimento, de saber como fazer - e aí está o nosso papel, de chegar até aquele servidor e estudante e mostrar como podem fazer isso. Parte muito ainda do desconhecimento, que já melhorou bastante, mas ainda existe.

**Gisela Duarte (IFSul)** - Quando os Institutos abriram novas vagas, alguns servidores já chegaram doutores, com aquela cultura de universidade e de pesquisa. Mas principalmente, internamente, é porque eles não sabem como fazer, não sabem o que é e, o pior, não sabem o porquê fazer, que resultado vai ter daquilo. Quando o estudante está no curso, ele pensa como aquilo que está aprendendo será usado no mundo do trabalho e não vê que pode transformar a vida de pessoas que estão em uma realidade completamente diferente. Quando o aluno também enxerga a aplicabilidade e estende o seu aprendizado para além do que está aprendendo de forma técnica em sala de aula, se dá a formação cidadã. Olha as nossas ações. Tenho ação em que uma horta orgânica em hospital espírita ajudou na cura de 50% dos internos em cinco anos, conforme pesquisa de uma professora da universidade. A horta, a prática e o envolvimento - isso é mudar



a vida das pessoas. Quando o estudante e os servidores tomarem consciência disso acho que vamos passar na frente da pesquisa.

**Revista ViverIFRS** - Há ações de incentivo para que docentes e também técnicos administrativos se sintam estimulados a fazer ações de extensão? Quais?

**Raquel Lunardi (IFFar)** - No IFFar reavaliamos a regulamentação da atividade docente e aumentamos a carga horária para pesquisa e extensão (de 8h passamos para 12h). E solicitamos muito que os cursos, quando fizerem a distribuição da carga horária, considerem o tempo que esse docente tem em atividades de pesquisa e de extensão, como uma forma de incentivá-los mais a participar. Além de fazer divulgação das nossas ações. No início de 2020 será lançado um boletim técnico com os resultados das ações de extensão. Temos proporcionado que nossos alunos e servidores possam participar de eventos de extensão, que são raros - aqui no Sul temos o Seurs. O fato de o Currículo Lattes ter um espaço para colocar extensão ajudou bastante. E tem universidades que já estão colocando na seleção de mestrado, doutorado e em concursos públicos pontuação para atividades de extensão. Isso também vai trazer uma certa mudança e já é reflexo da curricularização. Se aproximar das pessoas é o grande fator. Na gestão muitas vezes nos afogamos na burocracia e não temos atenção com isso. A gente tem procurado ir mais nas unidades, se aproximar das pessoas, e isso contribui bastante, pois aquele que nunca fez extensão, que estava inseguro, não conhece, não sabe como, vai saber que se procurar a pró-reitora ele terá um respaldo. A gente abriu as capacitações não apenas para quem já faz extensão, mas para todos os interessados.



**Gisela Duarte (IFSul)** - Queremos que o servidor venha para a Extensão. Nós vamos oferecer o quê? Vai ajudar no teu currículo, no teu Lattes, vai contar como carga horária. Tudo bem, a pessoa vai vir na necessidade, porque quer aumentar a carga horária, ter progressão... o motivo é outro, não é porque ama a extensão. Mas eu quero que ela venha. Depois ela vai se encantar. Fazer extensão é fazer o bem. Não tem quem não se alegre, motive, emocione, quando vai fazer as visitas ou quando forma uma turma FIC para mulheres em vulnerabilidade, que têm uma história triste de vida. Agora estamos fazendo um curso "Cuidando do cuidador", para pessoas que cuidam de crianças, jovens e idosos, porque eles precisam ser cuidados. O que muda na vida dessas pessoas que estavam querendo abandonar o trabalho porque não estavam aguentando e agora começam a enxergar de uma nova forma?! Vai ouvir um depoimento desses, não tem quem não se emocione!



**Marlova Benedetti (IFRS)** - Eu acho que isso entra na questão de normativas, estímulos. Por exemplo, no IFRS qualquer servidor, de qualquer nível de escolaridade, pode propor uma ação de extensão: técnico, docente ou docente substituto. Precisa envolver estudantes. Agora também estudantes podem propor ações de extensão, mediante a supervisão de um servidor. Os IFs têm

um diferencial único, que é a possibilidade de o estudante de Ensino Médio participar de ações de ensino, pesquisa e extensão. Nos editais de mobilidade internacional do IFRS, pelos quais os estudantes concorrem a bolsas para estudar fora, as horas trabalhadas em ações de ensino, pesquisa e extensão são contadas para fins de seleção.

**Raquel** - Ouvimos relatos de colegas que estão diretamente em sala de aula que o aluno que sai do nosso Ensino Médio e vai para o superior é diferenciado, porque sabe fazer o resumo de um artigo, sabe o que é extensão e como funciona tudo isso na vida dele. Não vem só qualificado no ensino, mas também na pesquisa e na extensão.

**Gisela** - Outro diferencial de incentivo são as bolsas que oferecemos aos nossos alunos. Nós não temos condições de dar bolsas para todos, tanto que temos alunos voluntários também participando das ações, mas esses acabam depois sendo bolsistas em outra ação, em outro momento. E também a verba Conif, dada para a extensão e para a pesquisa, é um diferencial. Na universidade, os pró-reitores de Extensão precisam fazer um planejamento e pedirem o valor do orçamento da universidade. Nos IFs não, já temos a nossa verba garantida dentro do orçamento e dali, a partir do que foi planejado e definido conforme as políticas da rede, somos autônomos para utilizar.

**Revista ViverIFRS** - Como podemos resumir em poucas palavras as seguintes questões: O que fica do ano de 2019 e o que esperar de 2020 para a extensão dos nossos IFs?

**Raquel Lunardi (IFFar)** - 2019 foi aprendizado e a palavra para 2020 é desafios.

**Marlova Benedetti (IFRS)** - superação e esperança.

**Gisela Duarte (IFSul)** - Acho que a extensão cresceu muito, em especial no Sul, porque a gente se ajuda.

**Marlova** - A gente compartilha boas práticas.

**Raquel** - Nossos reitores são alinhados.

**Gisela** - A extensão está crescendo porque as pró-reitorias estão buscando esse espaço. É fácil chegar e ver que a coisa está assim e vamos seguir assim.

**Raquel** - A extensão é gerenciada por mulheres, que são guerreiras.

**Gisela** - É mais trabalho que estamos puxando para nós, mas queremos que a Extensão se fortaleça.

**Raquel** - E fortaleça a rede.